

Lixo vale dinheiro para garis e empresários

Indústria de reciclagem é incrementada com licitações de sucata promovidas pelo SLU

M. CAVALHEIRO
Da Editoria de Cidade

Pequenos e microempresários de Brasília estão investindo com esperança em um mercado cada vez mais competitivo — o do lixo, atualmente agrilhoado a uma concorrência de fins de 1983, renovada para o exercício de 1986. O sopro que movimentou este mercado é a decisão do superintendente do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), Tomé Gesner, de licitar lotes de sucata, ampliando o leque de compradores, diminuindo o capital exigido para participar da concorrência e passando a obter preços de mercado para a matéria que hoje vende a valores quase irrisórios. Plástico, papel, latas, alumínio, vidro — praticamente tudo o que é deixado cotidianamente à leixura tem valor econômico, pode ser reciclado. Latas de óleo, de sardinhas, de refrigerantes, seguem para São Paulo onde os altos-fornos devolvem-nas à condição de aço 1200. Papéis de escritório transformam-se nestas bobinas brancas, salpicadas de pontos escuros, com as quais as farmácias embrulham suas mercadorias. O papelão, misturado ao papel de sacos de cimento, vira papel semikraft — depois empregado para a fabricação de saquinhos usados nas padarias. Sacos e recipientes de plástico

transmutam-se em tubos, garrafinhas de água sanitária e uma infinidade de outros objetos. Cerca de 500 garis percorrem algo como 350 mil quilômetros por mês, em 95 caminhões, para recolher um volume de lixo que chegará às 220 mil toneladas neste ano. No aterro sanitário de Taguatinga, os caminhões do SLU são aguardados por uma multidão de emburrados catadores. Alguns revolvem os monturos com ganchos — instrumentos semelhantes a um ancinho estreito e de dois dentes só —, poucos usam luvas. A maioria escolhe com as mãos o que lhe interessa e transporta para o seu monte, que depois negociará com os "compradores". Pode-se ganhar Cz\$ 200, Cz\$ 300 e até mais em um dia de cata. Aparentemente, só quem não fatura com o lixo é o SLU, vendendo, por exemplo, a Cz\$ 0,58 o plástico pelo qual as indústrias de Brasília pagam Cz\$ 2,50 e que alcança valores de até Cz\$ 6,00 em praças como as de São Paulo e Belo Horizonte. O negócio do lixo anda tão surpreendente aqui que a empresa Serradão Indústria e Comércio Ltda — que retira material do SLU com procuração da Novo Rio Comércio e Indústria de Papéis — fez um acordo com um cliente pela qual o comprador se apresenta "como se fosse um transportador dele" e apanha no SLU por Cz\$ 0,58 o quilo do plástico pelo qual na verdade está pagando Cz\$ 1,00.

FOTOS: ADAUTO CRUZ



Ganchos empunhados, os catadores cercam o caminhão do SLU para disputar os restos mais preciosos

Lixeiros ganham Cz\$ 250 por dia

11h30. No aterro sanitário de Taguatinga, o momento é de espera. Logo alguém avista na estrada, ao longe, a carreta do serviço de Limpeza Urbana. Como há só duas chegadas de caminhões deste porte por dia, a messagem de catadores se agita. Mal o caminhão se aproxima dos monturos, encarapita-se em seu traseiro o pequeno Dito, seguido por outros dois pirralhos que devem ser, como ele, experientes na cata. Os mais jovens, os mais fortes agora correm atrás do veículo. A maioria caminha. Quando o compactador começa a expelir o lixo, já bem uns 20 homens estendem seus ganchos em direção ao que vêem de mais precioso. Diz-se que um bom catador pode ganhar Cz\$ 250, Cz\$ 300 e até mais do que isto em um dia de trabalho.

A multidão barrenta aperta o passo, enquanto o novo monturo vai se formando. Logo, à aparência de um bando de aves ao qual se jogou milho, os catadores agitam-se em torno da enorme pilha de restos, detritos, embalagens. Uns têm preferências, outros não. Para Paulo César Souza, 16 anos, o melhor negócio parece ser a cata de latas. Inexperiente — há dois meses deixou de ser servente de pedreiro —, ele anda para cá e para lá no meio do lixo, com um saco preso a tiracolo, juntando latas de todos os tipos. Sem contar muito, diz ainda não ter conseguido fazer mais de Cz\$ 70 por dia. Mesmo assim acha sua situação atual melhor do que a anterior, em que recebia Cz\$ 35 por dia para "trabalhar por aí" como auxiliar de um mestre-de-obras.

A mesma opinião tem Luiz Pereira dos Santos, que deixou um emprego de Cz\$ 250 por semana em uma grande construtora para se dedicar a um trabalho onde vê as vantagens de um ganho maior e da inexistência de chefias e cartão de ponto. Os mesmos atrativos trouxeram de volta um jovem de 19 anos, que interrompe a conversa do repórter com Luiz para atalhar: "O salário mínimo é salário de fome, não dá nem pra solteiro viver". De calças jeans, touca de linha azul, a camisetinha justa pondo à mostra a musculatura forjada por muitos anos de trabalho duro, o garoto recusa-se a se identificar — mas fala com firmeza. Condena o Inamps, o congelamento dos salários, os patrões em geral. Conta que praticamente se criou ali, no meio dos monturos, na cata. Depois foi para Goiânia, empregou-se em uma distribuidora de gás e voltou ao aterro sanitário de Taguatinga. "Não dá para trabalhar para este pessoal", explica. E assim

— ali, no meio de lixo, com a coreografia frenética dos catadores — o jovem puxa o coro da revolta.

POLÍTICA

Os políticos não são bem vistos entre os catadores, a maioria dos quais vive por ali mesmo — em uma vila de população estimada em 500 pessoas, sem água, luz, médico, esgoto, nada. As visitas de véspera de eleição pegam mal, no meio de quem vê os políticos como uma fonte de benefícios e a nunca pôde beber. Mas também a ingenuidade é forte — e não se deixam de fazer presentes elogios à Múcio Athayde. O político demagogo é visto por muitos como um amigo dos pobres. Bastou para isto defender uns barcos ameaçados por fiscais e fazer duas distribuições de pão e leite.

Luiz fala de moradia. Seu barraco já está na mira da Terracap; mas isto não o preocupa muito: "Os homens vêm e derubam. Eu levanto de novo ali adiante", resume, referindo-se ao casebre erguido com o material arranjado às custas do sumiço de uns outdoors. Vivendo assim, ele não nutre esperança de que um governo qualquer baixe os olhos até onde está o povo passando toda sorte de sofrimentos e necessidades. E decerto esta falta de perspectivas o fator que faz do quebra-quebra de novembro em Brasília um sucesso absoluto entre o povo lixeiro. "Tem que quebrar tudo mesmo", dispara um adolescente — e os que o cercam apóiam. "Quando eu tiver idade de votar, mando esses políticos todos"... — e dá-lhe palavrão! Al estalar talvez também um pedaço da razão do alto percentual de votos brancos e nulos da eleição que antecedeu ao pacote e às horas de violência vividas nesta cidade. Jogados ao mais terrível abandono — revolvendo lixo, na maioria dos casos sem luvas e com frágeis calçados — sentem-se presos de uma escravidão de ares perpétuos. "Pelo menos podiam colocar um ônibus, para levar as crianças pra escola quando a mãe tem que trabalhar", queixa-se uma senhora de meia-idade, igualmente cheia de desesperanças. "Quem tem só quer enriquecer mais às custas dos pobres", completa.

Onde falta de tudo, tem de faltar também a segurança. "Tocaram fogo na casa dele", diz uma jovem bonita e divertidamente irreverente, que inventa — para fins de reportagem — o nome algo pomposo de Maria Abadia Alves de Souza. Ela aponta para Francisco Ales da Costa, um mulato forte, de 22

anos. Francisco, irmão de Dito — um irrequieto menino de 12 anos, desde os seis labutando no aterro —, confirma. Por isso, sua irmã teve de deixar o correço, onde passava os dias a lavar roupas. Agora ela cuida do barraco, enquanto os dois irmãos e a mãe sustentam a família com uma média de entre Cz\$ 250 e Cz\$ 300 por dia, trocados pelo que os três conseguem juntar em plástico, papel, papelão, latas.

SURPRESAS

Como tudo, a cata tem também seus momentos de alegria. A irreverência quase teatral de Maria Abadia provoca risos por onde ela passa. E há surpresas. Um caminhão carregado de latas e garrafas estragadas logo está cheio de moleques — frutas e risos para todo o lado. Já para um adolescente chamado Sérgio, a alegria tem a forma de uma espingarda de pressão, encontrada em duas partes. A coronha, falta parte do encaixe. A mola está farta. Mas é uma arma algo sofisticada e o garoto sorri ante a perspectiva de recuperá-la para vender. Um grupo de catadores o cerca, ansioso por examinar o achado. "Até revolver aparece aqui", garante um deles. "Os caras roubam, não conseguem segurar e botam fora", completa. Pouco depois, será Francisco a chamar atenção.

Ele encontra, no lixo despejado pelas carretas das 11h30, um saquinho plástico, semelhante a esses de din-dins. O conteúdo, porém, é outro: cachaca que logo será útil. Uma dezena de catadores se aglomera em torno de Francisco. Trata-se de um produto comumente vendido em estádios de futebol. Mas ali parece ser inteiramente desconhecido. Alguns duvidam da cachaca empacotada, e seu dono aponta a inscrição "caninha", estampada no rótulo. Afinal, saciada a curiosidade, Francisco põe o trago no bolso e volta ao trabalho.

Logo escorre sangue das mãos de Francisco. Um ferimento um tanto profundo foi provocado por uma lata. A cachaca catada entre o lixo é providencial. O trabalhador leva a mão esquerda ao bolso, corta com os dentes o invólucro plástico e vai despejando aos poucos seu conteúdo sobre o talho — para retornar em seguida ao trabalho, que assim é a vida deste povo. "Tudo o que eu como sai do lixo", brinca Maria Abadia. "Aqui corre dinheiro como em Serra Pelada", exagera Luiz Pereira dos Santos, a quem traz entusiasmo a possibilidade de "ganhar 800 paus em três dias e depois sair por aí com a mulher".



Dona Verônica: mais antiga

Como separar o útil do inútil

O plástico recolhido é separado de acordo com sua qualidade. Existe o polietileno de baixa densidade, que é por exemplo o de um saco de lixo ou da maioria das garrafas plásticas. Mas existem também garrafas de PVC e de polietileno de alta densidade. O PVC e os plásticos mais duros são mandados para São Paulo. O polietileno de baixa densidade é pelo menos em parte aproveitado em Brasília, na fabricação de tubos e de embalagens, que não irão para e serão novamente recicladas por pequenas e microempresas.

Separado, o plástico é lavado e depois moído, aglutinado em uma temperatura de 60 graus e fundido e transformado em tiras como as de macarrão, a uma temperatura de 170 graus. Essas tiras, já pigmentadas, vão à matéria-prima de garrafas, tubos e outros produtos. A Embalagens Brasília Ltda — de Nair Soares da Silva — produz principalmente vasilhames de 900 mililitros. De um quilo de plástico, faz 40 garrafas. A Neger Tubos de Plástico reclama a perda de 40 por cento e até 60 por cento do lixo comprado ao SLU por não haver uma separação mais criteriosa de materiais.

Levantamento do SLU dá conta de que foram usadas dos últimos dias de junho a 30 de setembro 12 mil 231 toneladas de lixo. Delas, 44 toneladas eram de plástico grosso e 75 de plástico fino. O proprietário da Serradão admitiu num primeiro contato com o repórter que vendia o plástico para São Paulo e Belo Horizonte aos preços de Cz\$ 6,00 e Cz\$ 4,20 — contra Cz\$ 2,50 pagados, independente do tipo, pela indústria de Brasília. Numa segunda conversa, reduziu drasticamente os preços, afirmando que o plástico mais caro — o de sacos de adubo — vale Cz\$ 5,50 o quilo e quase não existe em Brasília.

O SLU vende a Cz\$ 0,27 o quilo de latas. No aterro sanitário, os compradores — primeiros intermediários entre o catador e a indústria — já estão pagando Cz\$ 0,50 — o mesmo preço que dão ao plástico. Este material é repassado a pelo menos 20 ferros-velhos, que o mandam para São Paulo. Até agora, neste ano, foram recolhidas 3 mil toneladas de latas — "o peso de 300 fuscas", entusiasma-se Gesner, dizendo que Brasília pode chegar a catar 5 mil 700 toneladas/ano de latas em seu lixo.

O papel também não é reaproveitado em Brasília, mas Osmar de Almeida — diretor administrativo e financeiro da Embalagens União — explica que a maior parte do reaproveitamento acontece na produção de papel higiênico e papel pardo. O papel usado para empacotar nas farmácias é feito a partir de papel de escritório e sobras de papel branco. Os supermercados usavam até há pouco tempo o resistente Kraft — seus sacos eram feitos com o mesmo material que os de cimento, apenas com espessura bem menor. Agora, estão usando, com espessura aumentada, o mesmo tipo empregado pelas padarias, o semikraft, que é mistura de papel Kraft com papelão. No período de pouco mais de dois meses, foram usadas em Brasília 111 mil toneladas de papel e 135 mil de papelão, afora uma quantidade desconhecida, recolhida pelos catadores nos aterros sanitários.

Os dois caminhos para reaproveitar os restos

A multidão de catadores revolve o lixo e adiante faz suas pilhas. No meio da tarde, começam a chegar os compradores. Alguns trabalham independentemente. Outros estão informalmente vinculados a empresas como a Serradão Comércio e Indústria Ltda. Plástico e latas são comprados por quilo, vidros por unidade, o papelão é avaliado a olho. O lixo começa seu caminho de retorno à utilidade.

Uma segunda rota é a que passa pelas usinas do SLU, onde há catadores contratados para separar os diversos materiais. Ali, a matéria orgânica é transformada em um composto de grande utilidade para a agricultura. O restante do material é vendido. Cada um terá diferente destino. O plástico será em parte reaproveitado aqui em Brasília mesmo. O papel seguirá principalmente para São Paulo, cidade cujos altos fornos se encarregarão de dissolver o aço das latas de sardinhas, compotas, refrigerantes. O vidro irá para fora, pelas mãos de proprietários de depósitos.

Em agosto e setembro, foram usados quase 12 mil toneladas de lixo. Uma parcela de 39 por cento deste volume retornou à origem — a lavoura — "fechando o ciclo biológico", ressalta o superintendente do SLU, que dá prioridade absoluta à produção do composto orgânico. "O alimento vem do Entorno e os restos voltam para lá, para fortalecer a terra", diz Tomé Gesner, assinalando que o solo do Distrito Federal carece justamente da matéria orgânica.

As duas usinas do SLU teriam capacidade para processar as 800 toneladas de lixo — recolhidas diariamente, se uma delas não estivesse parada, engastada com o lixo brasileiro, como diz o engenheiro Francisco Soares Filho. Francisco há três meses descobriu, ao ser contratado como responsável pela usina da Cellândia, "que o lixo tem muito valor". Atualmente, ele se ocupa com adaptações necessárias para adequar a maquinaria ao lixo brasileiro.

O superintendente do SLU comenta que na França — onde foi desenvolvida a tecnologia empregada naquela usina — há empresas especializadas no que se chama "coleta direta". Elas recolhem periodicamente nas residências e empresas o plástico, o papelão e as latas e outros metais. Por isso, o lixo já vem praticamente separado. O que vale para o mesmo é praticamente só papel, além de resto de comida. A diversidade do lixo de Brasília resultou por exemplo no mau funcionamento de um estágio da separação: o pneumático, onde o deslocamento de ar separa materiais mais leves, como o plástico e o papel finos.

Na usina que está funcionando, a do Lago Sul, o problema está em outra etapa — a da separação dos metais por um eletroímã. O magnetismo da peça é fraco, e a esteira passa sob ela e segue cheia de latas, tampas de garrafas e outros objetos metálicos. O lixo passa também por equipes de catadores, que separam o plástico, o papel e o

papelão, os metais, os trapos, os vidros. É dali que segue para as outras seções. Na usina da Cellândia, repete-se duas vezes um processo que vai da cata à separação pneumática eletromagnética, passando por um moído e por uma peneira vibratória. Depois de duas voltas por este circuito — conduzido sempre através de uma intrincada rede de esteiras rolantes — o lixo restante — praticamente só matéria orgânica — vai para um grande poço, chamado higienizador. Dali, após passar por um segundo moído e ser refinado, sai o composto orgânico. Na usina do Lago Sul, feita ainda na década de 60, não há separação pneumática e o higienizador é substituído por enorme cilindro, de 28 metros de comprimento por 3,5 metros de diâmetro, onde a matéria orgânica permanece por cinco dias em uma temperatura de 60 graus centígrados. A finalidade deste processo de higienização é matar microorganismos, sementes e larvas.

O SLU pretende pôr a usina da Cellândia em funcionamento no começo do ano que vem. Mesmo assim, a produção de composto orgânico será insuficiente. Por isso, Gesner já pensa em aproveitar uma enorme quantidade de lixo, enterrada desde a construção de Brasília. Ele calcula que neste período tenha sido posta sob a terra cerca de 1 milhão de toneladas — perto de 40 por cento das quais devem ser compostos por matérias orgânicas.

Falta de matéria-prima é entrave

Escorada nas procurações que lhe garantem a retirada de sucata a preço baixo do SLU, a Serradão Comércio e Indústria investiu, segundo seu proprietário, Arnore de Souza, mais de Cz\$ 1 milhão, na compra de mais um caminhão e quatro novos prensas. Os irmãos Almeida, de Embalagens União Ltda, adquiriram um lote na Cellândia onde ergueram um galpão de 2 mil e 100 metros quadrados e estão adquirindo uma carregadeira e uma prensa horizontal — duas máquinas capazes de fazer, com seus operadores, o que umas 50 prensas comuns e 50 operadores realizam em determinado espaço de tempo.

Arnore mexe com 1 mil toneladas de plástico ao mês. Delas, diz que apenas cerca de 200 vêm das usinas de lixo de Brasília. Sua empresa começou a crescer, porém, a partir da obtenção do direito de adquirir, em nome de terceiros, o plástico separado pelo SLU. Osmar de Almeida e seus irmãos fabricam embalagens. Essencialmente, sua atividade consiste na feitura de sacos de papel e na impressão de bobinas para empacotamento. Há dois anos, entretanto, começaram a vender papel velho a seus próprios fornecedores de matéria-prima — empresários de São Paulo. Neste momento, estavam entrando no mercado do lixo.

Hoje, a Embalagens União está exportando para São Paulo entre 250 e 300 toneladas por mês. Com o novo depósito, espera poder movimentar o dobro. Oscar prefere não falar em números. Diz apenas que a empresa está fazendo "um investimento razoável" e pretendendo ampliar sua participação no mercado, hoje reduzida à compra de material recolhido, no aterro sanitário ou nas ruas, pelos catadores. Uma abertura nas concorrências para aquisição de sucata ao SLU seria um passo mais em direção ao objetivo de disputar uma fatia do bolo que hoje — no que diz respeito ao papel e ao papelão — a Novo Rio Indústria e Comércio de Papéis Ltda soboreia sozinho, admite Oscar de Almeida.

Já Arnore defende com unhas e dentes o sistema atual, pelo

qual só concorrem firmas com estrutura suficiente para adquirir antecipadamente toda a sucata separada pelos catadores do SLU. Antes vítima — ele próprio — de tais exigências, vê-se agora preparado para assumir sua fatia e diz haver feito investimentos em função das necessidades das usinas. Na verdade, as procurações passadas pela Novo Rio e pela Tecnobra — as vencedoras da última concorrência, em 1983 — garantem-lhe uma situação bastante cômoda.

A Serradão conseguiu, graças à sua posição monopolista, fechar com a Nager Indústria de Tubos de Plástico Ltda um negócio verdadeiramente incrível. Por esse contrato oral, um dos sócios da Nager — Geraldo Soares de Oliveira — vai ao SLU retirar sucata passando-se por "um transportador" de Arnore de Souza. Lá, ele paga com um cheque do proprietário da Serradão. O valor do plástico é Cz\$ 0,50. Arnore receberá da Nager Cz\$ 1,00 pelo quilo daquela matéria que nem sequer passou por seu pátio. Além disso, comprará novamente da fábrica de tubos o plástico de rigidez inconveniente para aquela indústria. Ao preço de Cz\$ 0,80 depois de separado e limpo.

AGIO

A Nager, segundo seus proprietários, tem parado suas máquinas com frequência, ressentindo-se da falta de matéria-prima. Com capacidade para processar 30 a 40 toneladas de plástico por mês, está operando no limite entre 10 e 15 toneladas.

Até há pouco tempo, a empresa costumava se abastecer por duas fontes. Comprava plástico da Serradão e o reciclava — e adquiria também polietileno virgem ou recuperado, de São Paulo. Hoje, o ágio impede a utilização da segunda alternativa. Geraldo Soares de Oliveira afirma que não se obtém plástico em São Paulo a menos de Cz\$ 10,00 o quilo.

Oliveira quer ampliar a capacidade de outra empresa de sua propriedade, que recupera o plástico e o vende à Nager. Mas não tem tido matéria-prima suficiente sequer para o maquinário atual. Ele deposita suas esperanças na venda de lotes pelo SLU. "Mas eles vão ter que vender um lixo melhor separado", adverte, apostando para uma pilha de sacos, embalagens e quinquilharias de toda a espécie. "Este lixo está horrível. Normalmente dá para aproveitar 60 por cento. Deste monte, 60 por cento não nos servem".

Oliveira explica que o PVC é fatal para sua atividade — e abundante no lixo. E principalmente esta matéria que ele separa para revender à Serradão. Uma lasca de PVC é suficiente para produzir uma rachadura de 15 centímetros num tubo em fabricação. As mangueiras são feitas com uma mistura de plástico duro e mole, que lhes dá a flexibilidade. Segundo o sócio da Nager, Arnore diz não dispor do plástico necessário. Arnore, por seu lado, assegura que atende preferencialmente aos clientes de Brasília.

Dependendo vitalmente do plástico reciclado, a proprietária de uma microempresa fabricante de garrafas de plástico — Nair Soares da Silva — lançou essa semana acusações segundo as quais a Serradão estaria sonhando lixo às empresas de Brasília e prejudicando, por tabela, um sem número de microempresários que fabricam no fundo do quintal produtos como água sanitária, sabonete líquido etc.



As crianças lixeiras: criadas na sujeira, sem água, luz, esgoto, médico, nada

SLU pensa em cooperativa e usina

"Isto não é admissível, nem em um país como o Brasil", diz Tomé Gesner, o superintendente do SLU, às voltas com o projeto de criar uma cooperativa de catadores e dotá-la de uma usina manual de processamento de lixo. "É preciso tornar este trabalho mais higiênico", justifica. Mas sua preocupação não encontra eco no aterro sanitário, onde qualquer iniciativa oficial é vista com temor. "Se tirarem o lixo daqui, muita gente vai morrer de fome", adverte enfático — Luiz Pereira dos Santos.

Por sua conta e risco, Gesner já trata da aquisição do equipamento e esbarra com a escassez generalizada no País. Ele quer adquirir uma usina manual com capacidade para processar entre 30 e 50 toneladas por dia. Como o custo da máquina é calculado à base de Cz\$ 50 mil a tonelada, esta custará entre Cz\$ 1 milhão 500 mil e Cz\$ 2 milhões 500 mil. Até maio, ele espera não só dispor da usina como haver reunido em uma cooperativa os catadores dos aterros sanitários de Taguatinga e do Jóquei. Um grupo que, segundo

os cálculos do SLU, deve estar beirando 800 pessoas. Provavelmente sua ideia — que os catadores juram desconhecer — encontrará certa resistência. Mas ela pode ser favorecida pela garantia de fornecimento de lixo à cooperativa. No aterro sanitário de Taguatinga, há uma curiosidade em relação à desativada usina da Cellândia: quando esteve em funcionamento, ela processou o lixo que antes ia, como hoje, para o aterro. A solução foi trabalhar no Jóquei, mas lá há pouca matéria para por um exército de 800 catadores.